

# “FEMINISMO” EM PORTUGAL: uma análise discursiva do Jornal de Notícias (online)

## “FEMINISM” IN PORTUGAL: a discursive analysis of the Jornal de Notícias (online)

Gabriela SCHANDER<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Brasil

Marislei da Silveira RIBEIRO<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pelotas (UFPel) | Brasil

### Resumo

Este artigo tem como objeto de estudo os discursos produzidos acerca da palavra “feminismo” na versão online do Jornal de Notícias (JN), veículo de ciberjornalismo em Portugal. O corpus é constituído por 41 conteúdos noticiosos publicados entre 2005 e 2017, que resultaram em 68 sequências discursivas de referência para análise. O objetivo é compreender os sentidos mobilizados quando este termo é empregado. Utiliza-se a Análise de Discurso (ORLANDI, 2009; BENETTI, 2016) como aporte metodológico. Como resultados principais, identifica-se que nos textos que apresentam a palavra “feminismo”, o jornal em questão faz uso de duas formações discursivas principais: patriarcal e progressista.

### Palavras-chave

Ciberjornalismo; Gênero; Feminismo; Discurso; Jornal de Notícias.

### Abstract

This paper aims to study the discourses produced about the word “feminism” in the online version of the Jornal de Notícias (JN), ciberjournalism vehicle in Portugal. The corpus is constituted by 41 news content published between 2005 and 2017, which resulted in 68 discursive reference sequences for analyze. The objective is to comprehend the mobilized senses when this term is employed. Discourse Analysis (ORLANDI, 2009; BENETTI, 2016) is used as the methodological contribute. As the main results identified of the texts that presents the word “feminism”, the journal makes use of two principals discursive formations: patriarchal and progressive.

### Keywords

Ciberjournalism; Gender; Feminism; Discourse; Jornal de Notícias.

RECEBIDO EM 30 DE AGOSTO DE 2019

ACEITO EM 28 DE OUTUBRO DE 2019

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharela em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista CAPES. Contato: gabischander@gmail.com.

<sup>2</sup>Pós-Doutora em Estudos Culturais, pela Universidade de Aveiro/Portugal. Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Comunicação/CNPQ. Membro do Grupo de Pesquisa – Estudos Culturais e Audiovisualidades da UFSM. Contato: marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br.

## Introdução

Ao compreender o jornalismo enquanto um modo de conhecimento social e cultural permeado por visões de mundo que agem como forma de orientação sobre os parâmetros e valores circulantes na sociedade (VEIGA DA SILVA, 2014), entende-se que há um processo de disputa constante nas narrativas jornalísticas. Em razão disso, este artigo visa refletir sobre uma mídia tradicional e de ampla circulação em Portugal, o Jornal de Notícias online, com o objetivo de identificar os sentidos que são mobilizados ao empregar o termo “feminismo”. De forma a estabelecer relações históricas, sociais e políticas entre o movimento feminista português e sua veiculação no objeto empírico, buscou-se realizar uma análise discursiva para reconhecer como são elaborados os discursos em se tratando da abordagem específica sobre o feminismo.

Como estamos propondo uma investigação acerca do país luso<sup>3</sup>, é relevante pontuar o contexto de desenvolvimento do feminismo e dos estudos de gênero no local. Embora grupos articulados já existam desde a primeira metade do século XX, há um processo de invisibilização da memória das lutas feministas em razão de um longo período ditatorial e de uma resistência anti-regime que secundarizava as pautas das mulheres (TAVARES, 2008). Assim, a consolidação das investigações foi tardia, já que somente na década de 1990 foi criada uma associação denominada Estudos sobre as Mulheres (APEM).

Acerca da emergência de coletivos organizados, é na chamada quarta onda do feminismo que insurgem com mais potência (ROCHA, 2017). Traçando relações entre feminismo, tecnologia e internet, se utilizam das tecnologias digitais a fim de que se desenvolvam estratégias comunicativas e

---

<sup>3</sup> Escolhemos analisar uma mídia jornalística portuguesa dado a experiência de mobilidade das autoras.

políticas em prol da causa. Nesse sentido, iniciativas como a Feminista.pt<sup>4</sup>, uma agenda de eventos feministas no país, são importantes para estabelecer uma vinculação entre as organizações e visibilizar ações públicas.

A partir das articulações desenvolvidas neste contexto, essa pesquisa visa contribuir para o entendimento de como se percebe a introdução do movimento feminista em uma mídia tradicional portuguesa, somando-se às investigações que vêm sendo produzidas no campo das investigações feministas sobre os meios de comunicação por meio do aporte teórico-metodológico da Análise de Discurso. Para tanto, a proposta vai no sentido de assimilar as diferentes maneiras com que a palavra “feminismo” é identificada pelo jornal em análise, levando em conta as especificidades do veículo e da produção de conhecimento marcada por um saber localizado (HARAWAY, 1995) das próprias analistas.

## **Práticas ciberjornalísticas em Portugal**

O meio online ascende como fonte informativa para as portuguesas. De acordo com os dados publicados pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) referente ao ano de 2016, 68,2% da população portuguesa consumia jornais e revistas no formato online e impresso. Nesse percentual, 53,6% das entrevistadas utilizavam a internet para ler, ao menos uma vez por semana, conteúdos de jornais e revistas. Entre estas últimas, 39,8% acessavam sites oficiais de jornais e revistas como meio de informação.

Frente a essas estatísticas e percebendo a curva crescente em relação ao acesso à informação por meio da internet, Portugal passou a incorporar o ciberjornalismo enquanto prática jornalística. Os primeiros quinze anos da implantação se deram primeiro em uma fase experimental (1995 a 1998), depois em uma rápida expansão (1999 a 2000) e, por fim, em uma fase de

---

<sup>4</sup> Site do Feminista.pt. Disponível em <<https://feminista.pt/>>. Acesso em 20 ago. 2019.

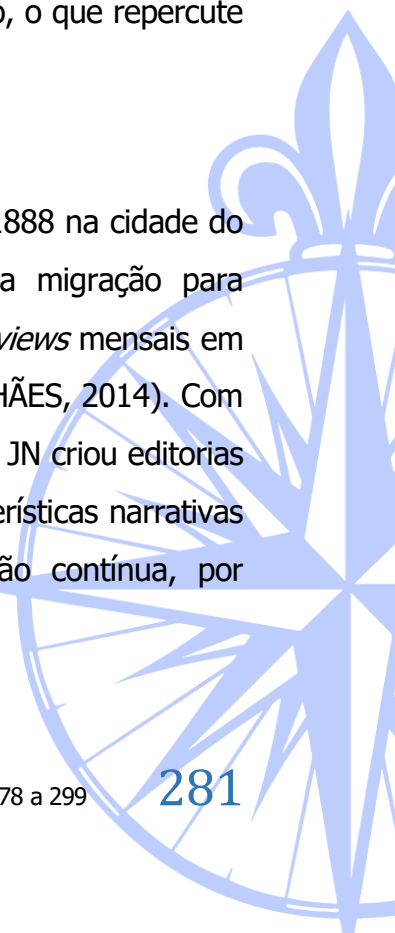
estagnação (2001 a 2010) (BASTOS, 2010 apud MAGALHÃES, 2014). Não havendo ainda uma estruturação de uma quarta fase da prática no país, há algumas tendências que se destacam atualmente (GRANADO, 2016).

Granado (2016) aponta que o tráfego móvel aumentou, correspondendo a mais de 50% do acesso aos principais sites portugueses. Isso exigiu certas adaptações do conteúdo para os dispositivos móveis e um investimento nas redes sociais e estatísticas de acesso para angariar maior atenção do público-leitor. Além das tendências, Reis (2016) destaca que a internet alterou de forma profunda a prática do jornalismo no país. A relação com as fontes, por exemplo, deixou de ser a mesma, inclusive no que se refere à forma de obtenção de informações. Já em termos econômicos, o modelo de publicidade teve de ser reelaborado com o passar do tempo, apostando nos conteúdos pagos para tornar-se um negócio viável.

A partir disso, pode-se inferir que houve um retorno do investimento na aposta do ciberjornalismo enquanto uma das principais fontes de informação para as portuguesas. Ainda que com mudanças graduais, percebe-se que há uma alteração nas rotinas produtivas do jornalismo em Portugal para incorporação desta forma de fazer jornalístico, o que repercute no próprio crescimento do setor no país.

## **Jornal de Notícias e a versão online**

O Jornal de Notícias (JN) foi fundado em junho de 1888 na cidade do Porto, Portugal. Sua versão online, pioneira no país na migração para plataforma em 1995, somou cerca de 40 milhões de *pageviews* mensais em 2014 segundo o diretor executivo Manuel Molinos (MAGALHÃES, 2014). Com o objetivo de beneficiar-se das potencialidades do online, o JN criou editorias como “JN Direto” e “Últimas Notícias” para explorar características narrativas do meio digital como a multimídia e a atualização contínua, por exemplo.



No que se refere ao estatuto editorial redigido pelo Conselho de Administração do veículo, o JN online apresenta-se como uma:

[...] publicação periódica informativa e não doutrinária, predominantemente consagrada à informação geral, sem excluir, em limites adequados de extensão e profundidade, a informação especializada. [...] independente do poder político, designadamente do Governo e da Administração Pública, bem como de grupos económicos, sociais e religiosos, regendo-se por critérios de pluralismo, isenção e apartidarismo. [...] prossegue a sua honrosa tradição de porta-voz dos interesses e dos direitos das camadas menos favorecidas da sociedade portuguesa (JORNAL DE NOTÍCIAS, s.d).<sup>5</sup>

É possível identificar algumas contradições presentes neste estatuto: se por um lado propõe ser isento, apartidário e independente aos poderes, por outro também se define como porta-voz das minorias portuguesas. Esses elementos são relevantes para entender o posicionamento que marca a produção jornalística deste veículo. Meditsch (2002) aponta que a falta de transparência sobre os condicionantes que fazem parte do processo de produção se torna uma falha para o entendimento do jornalismo enquanto forma de conhecimento como preconizado por Genro Filho (2012). Partindo do entendimento do jornalismo como um processo constante e dialógico de reprodução, ressignificação e circulação de valores sociais e ideologias (VEIGA DA SILVA, 2014), registamos a necessidade de haver um tensionamento a respeito das características que constituem e norteiam o processo de produção jornalística, a fim de que se apreenda de maneira mais cognoscível os princípios editoriais que regem o trabalho desenvolvido no JN.

Consideramos que, ao produzir esta análise acerca de um site ciberjornalístico de amplo acesso em Portugal, é interessante perceber como esse argumento editorial é mobilizado no que se refere ao feminismo, tema central deste artigo. Como se trata de um movimento impulsionado por uma

---

<sup>5</sup> Estatuto Editorial. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/estatuto-editorial.html>>. Acesso em 5 ago. 2019.

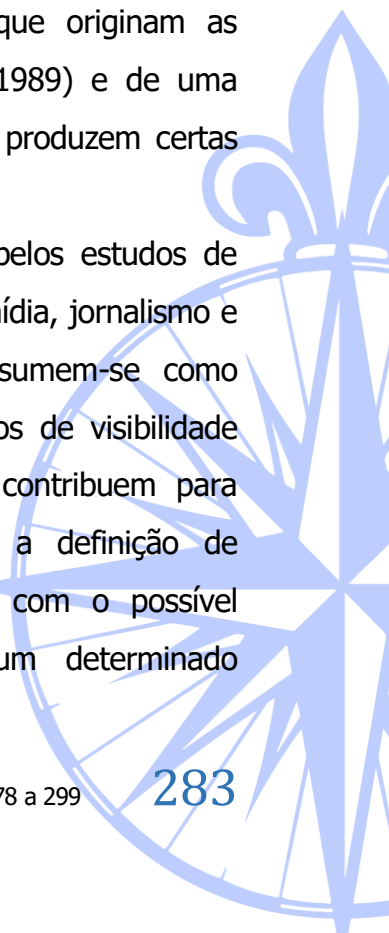
minoria política, busca-se perceber de que maneira isso ocorre em um veículo “porta-voz” e “isento”.

## **Estudos de gênero, mídia e jornalismo**

O conceito de gênero surge nos anos 1960 a partir da reivindicação de mulheres marginalizadas que não se sentiam representadas pela categoria universal de “mulher” (PEDRO, 2005). Com a primeira categorização no estudo de Robert Stoller denominado “Sex and Gender” (ZIRBEL, 2007), inaugura-se a perspectiva que passa a compreender a socialização como parte da designação de gênero, indo de encontro às concepções biológicas que até então buscavam explicar as diferenças entre mulheres e homens.

Nos anos 1970, Gayle Rubin (1993) desenvolve a ideia de “sistema de sexo/gênero”, com o argumento central da diferença sexual ser operada pela cultura numa relação de opressão. Nas décadas seguintes, aumentam as pesquisas na área, a partir do entendimento da importância do gênero para análise histórica (SCOTT, 1989). Perspectivas interseccionais, pós-coloniais, pós-estruturalistas, materialistas, etc., passam a contribuir para o campo por meio de seus referenciais teóricos. Dentre as possibilidades, nos filiamos à noção de gênero como parte de construções sociais que originam as identidades subjetivas de mulheres e homens (SCOTT, 1989) e de uma estrutura social que é redefinida por arranjos sociais que produzem certas condutas generificadas (CONNEL; PEARSE, 2015).

A partir das alternativas investigativas motivadas pelos estudos de gênero, desenvolvem-se estudos acerca da relação entre mídia, jornalismo e feminismo. Isso porque os meios de comunicação assumem-se como agentes de mobilização social e convertem-se em espaços de visibilidade pública midiática (GOMES; MAIA, 2008). Dessa forma, contribuem para estabelecer um quadro de interpretações que amplia a definição de problemas e grupos em disputa, colaborando também com o possível reconhecimento e consolidação da legitimidade de um determinado movimento.





Nesse processo de visibilização midiática, há diferentes concepções críticas sendo produzidas por intelectuais portuguesas sobre a vinculação entre mídia e feminismo. Alguns exemplos são: o entendimento sob o viés da dificuldade de acesso aos meios de comunicação em razão de serem uma minoria política, salvo em casos de espetacularização (GAMSON e WONFSFELD, 1993 apud PEÇA, 2010) ou em caráter especial/datas comemorativas na imprensa não especializada (HAJE, 2003); da mídia como canibalizadora do feminismo, deturpando as ideias a serviço do lucro (SILVEIRINHA, 2012); o desgaste dos rótulos “feminismo” e “feminista” na mídia (HAJE, 2003).

Também, há algumas propostas de intervenção nos veículos midiáticos. Carla Cerqueira (2014) aponta a necessidade de haver um artigo no Código Deontológico sobre tratamento promotor de igualdade de gênero incluindo o debate em livros e manuais de redação; integração nos planos curriculares dos cursos de Comunicação de uma linguagem mais inclusiva; monitorização contínua dos conteúdos informativos e de opinião; e leitura crítica dos meios.

Reconhecemos algumas tendências nestes estudos. A primeira é que a mídia noticiosa se apropria das pautas feministas com um viés comercial, mesmo que o custo seja a negação do entendimento do feminismo enquanto movimento político e social. A segunda é de que há uma desvantagem para os movimentos sociais se inserirem na mídia tradicional em razão de suas reivindicações e do desgaste da própria identidade feminista. Uma terceira vai no sentido de dialogar sobre propostas para intervir nos meios de comunicação. De toda forma, ao aproximar as perspectivas, depreende-se que o movimento acaba por não ser visibilizado pela mídia jornalística da forma mais apropriada, não havendo uma correspondência de fato ao que é suscitado pelo feminismo.

Como outras possibilidades estratégicas, iniciativas de jornalismo com perspectiva de gênero começam a surgir<sup>6</sup>. Na tentativa de engendrar um saber localizado (HARAWAY, 1995), esses veículos passam a repensar os modos de representação dominantes e a romper com padrões estabelecidos. Mobilizadas essas estratégias de “dês-identificação” (MACEDO, 2011), tornam viável que se produza um discurso crítico de oposição e que fuja à lógica do jornalismo enquanto contribuinte para o processo de (re)produção de valores hegemônicos sobre gênero (VEIGA DA SILVA, 2014).

Diante do exposto, o feminismo é um assunto presente na mídia noticiosa de formas diversas, mais ou menos afeitas ao movimento. Dessa maneira, entendemos como relevante, por meio da interface dos estudos de gênero e jornalismo, produzir olhares sobre a produção jornalística a partir de seus discursos.

## **Análise de Discurso como aporte metodológico**

Na Análise de Discurso de linha francesa, o discurso torna-se o principal objeto de análise, constituindo-se enquanto efeito de sentido nas interlocutoras. De acordo com Marcia Benetti (2016):

Não existe um sentido literal residindo no texto. Existe uma materialidade textual que carrega sentidos potenciais, e os sentidos são produzidos na relação intersubjetiva. Há tantas possibilidades de leituras de um texto porque este é sempre feito de “falhas” e “equivocos” (BENETTI, 2016, p.239).

Dessa forma, o discurso se mostra um objeto complexo. Por não findar em si e ser derivado de aspectos históricos, sociais e ideológicos, a produção de sentidos se constitui como resultado de processos de interpretação acerca de sentidos potenciais. A partir disso, podem-se acionar mecanismos de análise para compreender determinado objeto. Alguns deles são o intradiscurso (o dito no agora), o interdiscurso e a memória discursiva (já-dito que torna possível o dizer atual), o esquecimento (enunciativo ou

---

<sup>6</sup> Em Portugal temos como exemplo a *Revista Práxis*. Já no Brasil há revistas como *AzMina* e portais noticiosos como o *Catarinas*.



ideológico) e as polissemias (rupturas nos processos de significação que permitem diferentes sentidos) (BENETTI, 2016; ORLANDI, 2009).

Esses aspectos podem ser mobilizados para identificar as formações discursivas (FDs) que são fruto dos mecanismos enunciativos presentes nos discursos. Essas são determinadas “pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (ORLANDI, 2009, p.43). Assim, as palavras não apresentam sentido nelas mesmas, mas nas formações discursivas em que estão inseridas. No discurso são representadas como formações ideológicas, já que se dão em meio à conjuntura sócio-histórica que estabelece o que pode e o que deve ser dito, delimitada por uma posição dada em determinada circunstância. Dessa forma, ao produzir um discurso, a sujeita filia-se a uma rede de sentidos mesmo que esse não seja um ato consciente, visto que a ideologia é a condição de constituição dos sentidos e das sujeitas.

Conceitualmente, sujeita constitui-se como um lugar de enunciação construído socialmente e que esta vem a ocupar (BENETTI, 2016). É importante citar que a sujeita do discurso não é plenamente livre, mas assujeitada “pelas condições históricas, materiais, pela ideologia e pela cultura” (BENETTI, 2016, p.236). Portanto, as sujeitas são interpeladas por essas características que fundam e podem ser depreendidas do próprio discurso.

## **Análise dos sentidos da palavra “feminismo” no JN**

Para seleção do corpus, na caixa de busca do JN foi pesquisada a palavra “feminismo”. Foram identificados 71 conteúdos noticiosos no período entre 16/06/05 e 06/12/17<sup>7</sup>. Para delimitar o material, foram escolhidos apenas os textos que continham a palavra “feminismo” em seu conteúdo

---

<sup>7</sup> O ano de 2017 como data fim para análise foi estabelecido em razão de ser o período em que as autoras estiveram em Portugal.

(56) e excluídos os artigos de opinião (7) e republicações do site Delas e Notícias Magazine (12), o que corresponde ao total de 41 conteúdos jornalísticos produzidos pelo JN.

Deste corpus foram destacadas 68 sequências discursivas de referência (sdr's) ao todo. Estas foram inscritas em duas formações discursivas (FDs) de acordo com os núcleos de sentido mobilizados: FD progressista e FD patriarcal. A primeira se caracteriza pela presença de discursos condizentes com concepções progressistas sobre o movimento feminista, tais como questões relacionadas a uma definição do feminismo, à vinculação das pautas e palavras de ordem do movimento e pontuais destaques sobre o silenciamento das mulheres na história. Já a segunda diz respeito a uma reprodução da ideologia dominante a qual remete à manutenção da desigualdade de gênero. São construções que buscam a correspondência de determinada conduta generificada (CONNEL; PEARSE, 2015) do que seriam as figuras da mulher, esposa e mães tradicionais, aversão aos rótulos de "feminista" e uma precaução em assumir esse posicionamento, práticas de silenciamento às ações de ativistas e o controle dos corpos femininos.

Para elucidar a análise, seguem algumas sdr's que compõem a FD progressista:

sdr 1: "Dar visibilidade aos feminismos como uma **corrente plural de pensamento e de ação** na sociedade portuguesa"<sup>8</sup>

sdr 2: "Feminismo é **lutar por todas as igualdades**"<sup>9</sup>

sdr 3: "Contudo, e segundo Maria José Magalhães, a vitória do "sim" no último referendo sobre a **despenalização do aborto** proporcionou uma nova etapa às mulheres em Portugal"<sup>9</sup>

sdr 4: "A questão do **assédio sexual** é uma luta feminista dos últimos anos."<sup>10</sup>

<sup>8</sup> Sdr 1, 3 e 5: Dar voz aos feminismos como corrente de pensamento e ação. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/arquivo/2007/interior/dar-voz-aos-feminismos-como-corrente-de-pensamento-e-accao-711344.html>>. Acesso em 10 ago. 2019.

<sup>9</sup> Feminismo é lutar por todas as igualdades. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/sociedade/interior/feminismo-e-lutar-por-todas-as-igualdades-961674.html>>. Acesso em 10 ago. 2019.

<sup>10</sup> Marcha das Mulheres também vai acontecer em Portugal. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/mundo/interior/marcha-das-mulheres-tambem-vai-acontecer-em-portugal-5616015.html>>. Acesso em 10 ago. 2019.

sdr 5: "A verdade é que a chamada **"memória histórica" do feminismo foi-se apagando ao longo da década de 50 [...]"**

sdr 6: **"Um livro sobre a "Condição Feminina no Império Colonial Português",** que a investigadora Clara Sarmento apresenta sexta-feira, no Porto, pretende "devolver" às mulheres o seu lugar na História."<sup>11</sup>

sdr 7: "Sob o lema **"Mexeu com uma, mexeu com todas"**"<sup>12</sup>

Essas sdr's buscam suscitar elementos do movimento feminista como uma maneira de inseri-lo em um contexto social, histórico e político que produz sentidos. Nas primeiras sdr's (1 e 2), há uma tentativa de definição do feminismo. Dessa forma, mobilizam uma ideia macro (sdr 2) do movimento como também da pluralidade de abordagens (sdr 1) que o compõem, o que produz correspondência com a configuração interna do feminismo de haver diferentes perspectivas teóricas que buscam compreender as opressões de gênero.

As sdr's seguintes (3 e 4) apresentam discussões chave para o feminismo. O aborto, por exemplo, começou a ser questionado a partir da segunda onda, quando são pautadas outras questões além dos direitos civis. Já o assédio sexual é uma pauta recente do movimento, mas que se torna reivindicação à medida que se toma conhecimento da perspectiva de gênero vinculada a essa prática.

Já as sdr's 5 e 6 trazem à luz a discussão sobre a invisibilização das mulheres inseridas no contexto português. Essa ideia entra em acordo com o debate que tem sido mobilizado dentro dos estudos de gênero em Portugal. Isso porque o silenciamento causado pelos regimes ditatoriais às manifestações feministas são atualmente denunciados por meio da reflexão acadêmica.

---

<sup>11</sup> Investigadores portugueses e internacionais lançam livro que pretende devolver às mulheres o seu lugar na História. **Jornal de Notícias.** Disponível em: <<https://www.jn.pt/sociedade/interior/investigadores-portugueses-e-internacionais-lancam-livro-que-pretende-devolver-as-mulheres-o-seu-lugar-na-historia-1014900.html>>. Acesso em 15 ago. 2019.

<sup>12</sup> Mulheres e homens saíram à rua contra a cultura da violação em Lisboa. **Jornal de Notícias.** Disponível em <<https://www.jn.pt/local/galerias/interior/mulheres-e-homens-sairam-a-rua-contra-a-cultura-da-violacao-em-lisboa-8508095.html>>. Acesso em 15 ago. 2019.

Estes trechos que compõem a FD progressista podem ser circunscritos em uma análise a partir do interdiscurso e da memória discursiva. Para Benetti (2016, p.240) “todo discurso é atravessado, ele mesmo, por outros discursos e pelo já-dito em outros lugares”. Assim, esses discursos adquirem sentido uma vez que habitam usos anteriores. Quando se enuncia “mexeu com uma, mexeu com todas” (sdr 7), se aciona também a memória discursiva das lutas feministas passadas, em que a mobilização das mulheres possibilitou conquistas. O exemplo mais clássico é a disputa pelo sufrágio feminino, o qual ficou marcado como o início da primeira onda do feminismo.

Porém, nem sempre essas definições parecem ser condizentes com o que representaria o movimento feminista. A partir da formação de uma FD patriarcal, podemos ver outras maneiras que o JN trata o assunto:

sdr 8: “Feministas em “topless” **interrompem** muçulmanos”

sdr 9: “Duas ativistas do movimento feminista Femen **interromperam** dois oradores numa conferência sobre as mulheres muçulmanas. As feministas **invadiram** o palco em “topless” e a gritar palavras de ordem [...]”

sdr 10: “O **incidente** ocorreu no último sábado, dia 12 de setembro, no Salão Muçulmano de Pontoise (a norte de Paris).”<sup>13</sup>

A começar, é interessante apontar o contexto. No salão muçulmano de Pontoise, dois oradores estavam debatendo sobre bater ou não em mulheres. Ativistas do movimento Femen foram à sessão, no sentido de realizar um protesto.

Como é observado na sdr 10, a ação é tratada como “o incidente”. Incidente, tem semelhança com “acidente”, sendo provavelmente anterior ou que tinha potencial de levar à. Já nas sdr’s 8 e 9 são utilizadas flexões do verbo “interromper” e “invadir”. Quando há o emprego desses termos, há um silenciamento enunciativo e ideológico. Isso porque, no mesmo local, poderiam ser empregados os verbos “manifestar” e “ocupar”, por exemplo. Assim, o JN demonstra um posicionamento ideológico sobre o

<sup>13</sup> Sdr 8, 9 e 10: Feministas em “topless” interrompem muçulmanos. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/mundo/interior/feministas-em-topless-interrompem-muculmanos-4777646.html>>. Acesso em 18 ago. 2019.

fato. Isso ocorre em virtude de o discurso não ser opaco e literal (BENETTI, 2016), mas interpelado por uma construção a partir da ideologia. Portanto, uma possível inferência é que o sentido construído pelo JN se filia a uma rede de sentidos em que há uma desaprovação da ação das militantes.

Outra característica que compõem a FD patriarcal diz respeito à aversão ao rótulo "feminista":

sdr 11: "Sarah Jessica Parker. **"Não sou feminista"**"

sdr 12: "A atriz norte-americana [...] esclareceu que é **avessa a rótulos** e frisou: **"Não sou feminista"**"

sdr 13: "A protagonista [...] fez questão de frisar que é **defensora da igualdade de gênero**. "Acredito nas mulheres e acredito na igualdade", destacou a artista, de 51 anos. "Estou tão farta desta separação. Apenas quero que as **pessoas sejam tratadas da mesma forma**", acrescentou ainda." <sup>14</sup>

A atriz Jessica Parker foi uma das protagonistas da série norte-americana "Sex and the City", considerada uma das produções mais progressistas à época da exibição nos anos 1990. Dessa maneira, a entrevista concedida pela atriz à uma revista em que de alguma forma "contradizia" sua atuação na série, foi repercutida em diversos canais jornalísticos.

Isso posto, nas sdr's apresentadas pode-se identificar já no próprio título (sdr 11) uma declaração de Parker, a qual consta um não-dito já construído: anti-feminista. Ainda que seja o que a fonte enunciou, ao longo do texto é possível identificar que a atriz é avessa a rótulos mas defensora da igualdade de gênero. Isso é uma característica comum em Portugal, como enuncia Maria Manuela Tavares (2008) ao fazer uma diferenciação entre um feminismo tácito (mulheres com ações feministas, mas que não se intitulam como) e assumido (consciência de sua posição). Assim, conclui-se que Parker seria adepta à primeira classificação de feminismo, mas se sente

---

<sup>14</sup> Sdr 11, 12 e 13: Sarah Jessica Parker. "Não sou feminista". **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/pessoas/in/interior/sarah-jessica-parker-nao-sou-feminista-5324707.html>>. Acesso em 15 ago. 2019.

representada pelo que Lara Haje (2003) havia designado como um desgaste do rótulo “feminista”.

Embora isso ocorra, o JN exerce uma escolha de enunciar no título o trecho da declaração da atriz. A partir dos valores-notícia segundo Gislene Silva (2005), nomeadamente a polêmica e a controvérsia, o jornal constrói o discurso destacando a fala que produz conflito. Pela negação da atriz – a qual posteriormente é desfeita no texto já que ela é a favor da igualdade de gênero -, entende-se que o JN produz um sentido de suscitar essa perspectiva anti-rótulo.

Outras sdr’s trazem uma percepção similar, no sentido de controversa em relação ao ser feminista:

sdr 14: “É conhecido o seu **lado feminista**. Entende que hoje ainda é necessário o combate pela igualdade e pela implementação dos direitos das mulheres?”<sup>15</sup>

sdr 15: “Uma **feminista convicta** viu com bons olhos as rosas que ele ofereceu durante a campanha de 2005?”<sup>16</sup>

Na sdr 14 quem realiza a entrevista questiona sobre um “lado feminista”. Essa noção de “lado” pode, ainda, trazer um diálogo com a aversão aos rótulos de “feminismo” e “feminista”, já que há um cuidado por parte do JN em não caracterizar a entrevistada dessa forma, entendendo que assumir a posição de feminista poderia ser compreendida como negativa. Já na sdr 15 há um questionamento à fonte entrevistada. Enquanto identificada como “feminista convicta”, há uma mobilização de sentidos de como uma feminista deveria agir. O oferecimento de rosas feito pelo então candidato mobiliza o sentido das flores serem um instrumento de perpetuação da ideia de cavalheirismo. Embora não seja explícito no texto, esse é um não-dito que pode ser invocado.

<sup>15</sup> “Investigar no país só por carolice”. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/arquivo/2008/interior/investigar-no-pais-so-por-carolice-942556.html>>. Acesso em 16 ago. 2019.

<sup>16</sup> Inês Pedrosa: “É imoral gastar muito em trapos”. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/artes/interior/ines-pedrosa-e-imoral-gastar-muito-em-trapos-980534.html>>. Acesso em 16 ago. 2019.



Esse não-dito é passível de ser reconhecido, pois, segundo Eni Orlandi (2009, p.26): “a compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “escutar” outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem”. O JN parece admitir que seria uma medida de elementar convicção feminista uma oposição a esse ato. Assim, passa a “cobrar”, de certa forma, uma postura da entrevistada. Por mais que não seja explícito esse posicionamento, é um sentido que pode ser inferido a partir da apreensão do discurso produzido. Outros trechos que destacam certa presunção de posições podem ser apreendidos em:

sdr 16: “Stapleton desempenhou o papel de dona-de-casa tradicional, embora **ligeiramente excêntrica**, que, com o tempo, começa a **refletir sobre o feminismo** e outros **temas sociais polêmicos**, desencadeando **diálogos hilariantes** com o seu preconceituoso e conservador marido, interpretado pelo ator Carroll O'Connor.”<sup>17</sup>

sdr 17: “**Mesmo quando** o marido assumiu funções como presidente da República, Elzira Dantas Machado **manteve o mesmo dinamismo**.”<sup>18</sup>

Na sdr 16, a primeira vinculação feita pelo jornal é entre o feminismo e “temas sociais polêmicos”, admitindo que o movimento suscita um debate polêmico (inclusive, isso vem a corroborar com o fato do JN utilizar a fala de Parker no título do texto, como discutido anteriormente). Em outro momento, o fato de a personagem refletir sobre temáticas do feminismo acaba por torná-la uma figura considerada “ligeiramente excêntrica”. “Excêntrica”, pelas definições, pode tanto ser entendido como algo desviante ao centro (no caso seria a fuga do papel tradicional de dona de casa) ou como um comportamento esdrúxulo da personagem.

<sup>17</sup> Atriz Jean Stapleton morre aos 90 anos. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/artes/interior/atriz-jean-stapleton-morre-aos-90-anos-3252562.html>>. Acesso em 16 ago. 2019.

<sup>18</sup> Uma primeira dama na causa feminista. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/nacional/interior/uma-primeira-dama-na-causa-feminista-1529584.html>>. Acesso em 16 ago. 2019.

Segundo os critérios da AD, essas possíveis leituras se encaixam como polissemias, já que há uma “abertura de sentidos” (BENETTI, 2016). Ambos sentidos podem ser mobilizados neste caso, já que é dito que se produziam “diálogos hilariantes” entre as personagens, no sentido de suscitar uma narrativa de comédia ao público mesmo que talvez a dona de casa compartilhasse do “problema que não tinha nome” de Betty Friedan (1963).

Entendendo que “a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa” (ORLANDI, 2009, p.37), o uso da palavra “hilariante” é um dizer ideologicamente marcado. Assim, pode-se entender a escolha feita pelo JN como uma falta de credibilização do feminismo e suas pautas, já que os tais diálogos produzem o riso. Ainda, é possível perceber um feminismo para consumo e lucro (SILVEIRINHA, 2012) que desempenha a função de angariar público para acompanhar a série.

Parte disso também é apreendido pela sdr 17. Isso porque se destaca o uso da conjunção concessiva “mesmo quando”. A notícia se trata de um perfil sobre uma ex-primeira dama engajada na causa feminista. Ao longo do texto, relata-se os feitos políticos de Elzira até o ponto em que seu marido assume a presidência. Neste trecho, o JN se utiliza da conjunção que exprime uma ideia de contrariedade entre as orações: “mesmo quando o marido assumiu” ela “manteve o mesmo dinamismo”.

Aqui se faz presente a cobrança de uma conduta generificada (CONNEL; PEARSE, 2015) do que se esperaria tradicionalmente de uma mulher casada, de classe alta e em posição de primeira dama. Isso é possível identificar por meio do “não-dito naquilo que é dito” (ORLANDI, 2009, p.34). Quando se empregam esses termos como forma de se opor à ideia anterior, se produz um significado dos sentidos, e isso ocorre em razão de Elzira quebrar o padrão e se manter ativa na luta pelos direitos das mulheres.

Por fim, outras quatro sdr’s e imagéticas fazem parte dessa FD patriarcal, nomeadamente o controle dos corpos femininos e a condição de silenciamento:

sdr 19: “Aquilo que foi o seu **trunfo** para ser uma das modelos mais requisitadas da sua geração, pode agora prejudicá-la na sua carreira enquanto atriz.”<sup>19</sup>

sdr 20: “Escreveu sobre “20 mulheres para o século XX”. E se lhe pedisse **dois homens**, vivos, para o século XXI?”<sup>20</sup>

**Figura 1** – sdr 18 – Galeria de fotos



**Fonte:** Montagem a partir de imagens coletadas no site do Jornal de Notícias

As sdr’s 18 e 19 estão circunscritas numa questão relativa aos corpos das mulheres. Como enuncia Susan Bordo (1997, p.20): “os corpos femininos tornam-se o que Foucault chama de “corpos dóceis”: aqueles cujas forças e energias estão habituadas ao controle externo, à sujeição, à transformação”. Dessa maneira, o discurso do JN pode ser identificado como essa forma de controle ao corpo feminino por classificá-lo enquanto “trunfo” caso esteja nos padrões desejados.

Em especial, a sdr 18 deixa isso mais evidente. Emily Ratajkowski, atriz estadunidense, já é “conhecida por não ter papas na língua” como

<sup>19</sup> Sdr 18 e 19: Emily Ratajkowski afirma que seios “muito grandes” prejudicam a sua carreira. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/pessoas/in/interior/emily-ratajkowski-afirma-que-tem-dificuldades-em-encontrar-trabalho-por-ter-os-seios-muito-grandes-8611874.html>>. Acesso em 12 ago. 2019.

<sup>20</sup> Inês Pedrosa: “É imoral gastar muito em trapos”. **Jornal de Notícias**. Disponível em <<https://www.jn.pt/artes/interior/ines-pedrosa-e-imoral-gastar-muito-em-trapos-980534.html>>. Acesso em 12 ago. 2019.

enuncia o próprio JN. Em virtude dessa característica polêmica, as fotos que posta nas redes sociais e as entrevistas que concede à outros veículos são replicadas no jornal. Isso posto, diante da declaração da atriz de que os seios grandes prejudicavam sua carreira, 18 fotos do Instagram de Ratajkowski são veiculadas na galeria de fotos, sendo que apenas em uma ela não está em traje de banho, roupas decotadas ou seminua. Assim, o JN escolhe veicular imagens que dialogam com o assunto principal dos “seios grandes” e recorre à noção dos corpos sujeitados aos controles externos (BORDO, 1997) que recaem sobre as mulheres.

Já no que se refere à sdr 20, veicula-se uma entrevista realizada à escritora Inês Pedrosa, autora da obra “20 mulheres para o século XX”. Durante o diálogo, ela é questionada sobre “dois homens, vivos, para o século XXI”. Neste trecho é possível identificar um silenciamento ao conteúdo do livro, o qual trata sobre personalidades femininas que revolucionaram o período. Isso porque a entrevistada é solicitada que responda nomes de homens, o que nada tem relação com sua pesquisa sobre mulheres. Nesse trecho, o JN faz uso do silenciamento ideológico. Isso é, como Orlandi (2009) cita, ocorre o esquecimento inconsciente do que foi dito anteriormente como se esse discurso fosse algo novo. Porém, esse processo de silenciamento da história das mulheres nada mais é que a recuperação de uma enunciação que permeia as discussões que se apresentam até hoje.

A partir das sdr’s apresentadas, é viável perceber que o JN recorre a duas FDs principais: patriarcal e progressista. Isso pode ser identificado a partir das polissemias que os conteúdos noticiosos suscitam. Também podemos perceber isso por meio da mobilização de recursos como a memória discursiva e pelos não-ditos e silenciamentos naquilo que é dito. De todo modo, as características presentes no JN tornam possível apreender algumas das contradições discursivas que perpassam a produção do conteúdo jornalístico.

## Considerações finais

Ao propor uma análise discursiva, é necessário estar ciente que a leitura feita pelas analistas também é interpelada pelas próprias ideologias. Dessa forma, nos identificarmos enquanto pesquisadoras feministas pertencentes ao campo dos estudos de gênero e jornalismo é uma possibilidade de questionar a produção jornalística e acadêmica que vêm sendo produzida nos mais diferentes objetos de estudo. Entender o feminismo enquanto um movimento político-social que provoca ações e reflexões teóricas também é parte da construção do próprio desenvolvimento do método analítico.

Partindo desse mote, por meio das análises das sequências discursivas de referência (sdr's) foi possível perceber a articulação de duas principais formações discursivas no discurso do JN: patriarcal e progressista. Ambas são produtos de concepções legitimadas pela mobilização de sentidos pré-construídos que constituem esses discursos. Assim, o jornal ora articula um discurso em conformidade com uma visão mais afeita ao feminismo, ora contribui para a manutenção de uma sociedade patriarcalista.

Ao observar as sdr's em suas especificidades, verifica-se que o JN faz uso de uma memória discursiva que remete ao contexto sócio-histórico das lutas de mulheres ao produzir sentidos sobre o termo “feminismo” e suas aproximações ideológicas. Ao apresentar palavras de ordem, pautas e concepções feministas de acordo com o próprio movimento, se conclui que são desenvolvidas formações discursivas consideradas progressistas. Contudo, o jornal ainda reproduz discursos que fazem eco à manutenção do sistema que privilegia a condição masculina em detrimento da feminina. Ao empregar termos e critérios de noticiabilidade específicos, destacar certas falas de fontes e utilizar determinadas escolhas imagéticas e editoriais, está contribuindo para construção de mitos entre os gêneros, além de reforçar um estereótipo de representação feminina e de papéis sociais atribuídos.

Cabe esclarecer que não se está definindo o JN como patriarcalista ou progressista, mas da importância de entender a complexidade com que o jornal apresenta os temas, muitas vezes os sobrepondo. Isso porque há uma crença de que as questões de gênero estão apenas associadas a temáticas mais explícitas política e socialmente, possivelmente mobilizando jornalistas mais engajadas para escrever a respeito. Porém, quando são abordados assuntos que não têm relação “direta” com o feminismo, há uma reprodução de valores generificados dominantes. Portanto, compreende-se que os discursos do veículo, embora tenham reflexões assertivas, ainda estão interpelados por uma ideologia em consonância com uma continuidade da desigualdade de gênero.

É importante salientar, ainda, os conteúdos noticiosos que apareciam quando da busca da palavra “feminismo” mas que não apresentavam nada sobre o assunto. Temáticas envolvendo o consumismo, a violência contra a mulher ou a culpabilização feminina, por exemplo, são algumas das pautas envolvidas. Por que motivos foram inseridas nessa *tag* para resultados de pesquisa? Esse questionamento leva a uma problemática que poderia ser desenvolvida em reflexões posteriores, explorando principalmente a noção do não-dito.

Por fim, assinala-se o papel do jornalismo enquanto uma esfera de visibilidade pública midiática. Ao ocupar um dos locais centrais na sociedade contemporânea como forma de conhecimento, se mostra pertinente que os veículos jornalísticos estejam cientes de sua responsabilidade e da necessidade de reflexão frente às decisões editoriais e na produção de seu conteúdo.

## Referências



- BENETTI, M. Análise de Discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. (Org.). **Pesquisa em comunicação: Metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: Editora Universitária da Pucrs, 2016. p. 235-256.
- BORDO, S. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, A.; BORDO, S. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41.
- CERQUEIRA, C. Trilhando caminhos para uma informação jornalística mais inclusiva. In: MAGALHÃES, S.; ALVAREZ, T. (Org.). **Mulheres e media**. Lisboa: APEM, 2014. p. 29-34.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: Uma perspectiva global**. São Paulo: Nversos, 2015.
- ERC. **As novas dinâmicas do consumo audiovisual em Portugal**. 2016. Disponível em <[http://www.erc.pt/documentos/Estudos/ConsumoAVemPT/ERC2016\\_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais\\_web/assets/downloads/ERC2016\\_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais.pdf](http://www.erc.pt/documentos/Estudos/ConsumoAVemPT/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais_web/assets/downloads/ERC2016_AsNovasDinamicasConsumoAudioVisuais.pdf)>. Acesso em 20 ago. 2019.
- GENRO FILHO, A. **O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.
- GOMES, W.; MAIA, R. **Comunicação e democracia: problemas e perspectiva**. São Paulo: Paulus, 2008.
- GRANADO, A. O online nas principais redações portuguesas em 2015. In: Entidade Reguladora Para A Comunicação Social (Ed.). **Digital Media Portugal: ERC, 2015**. Lisboa: ERC, 2016.
- HAJE, L. Esferas públicas feministas na Internet. **Logos: comunicação e universidade**, Rio de Janeiro, v.10, n.2, 2003. p. 88-105.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: A questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, Campinas, n.5, 1995. p. 7-41.
- MACEDO, A. G. Mulheres, arte e poder: uma narrativa de contra-poder? **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n.37, 2011. p. 61-77.
- MAGALHÃES, B. **As potencialidades da internet no jornalismo digital: Jornal de Notícias vs Diário de Notícias**. Dissertação. Curso de Jornalismo, Lisboa: Escola Superior de Comunicação Social, 2014.
- MEDITSCH, E. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Media&Jornalismo**, Coimbra, vol.1, n.1, 2002. p. 1-13.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos**. 8.ed. Campinas: Pontes, 2009.
- PEÇA, M. P. **Os movimentos de mulheres em Portugal**. Uma análise da noticiabilidade na imprensa portuguesa. Dissertação. Faculdade de Economia, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2010.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, 2005. p. 77-98.

REIS, R. L. **O jornalismo em Portugal e os desafios da Web 3.0**.

Dissertação. Faculdade de Ciências Humanas, Porto: Universidade Católica Portuguesa, 2016.

ROCHA, F. B. **A quarta onda do movimento feminista**: o fenômeno do ativismo digital. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo: Unisinos, 2017.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres**: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria última para análise histórica. Nova York, Columbia University Press, 1989.

SILVA, G. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v.2, n.1, 2005. p. 95-107.

SILVEIRINHA, M. J. Repensar as políticas públicas sobre as mulheres e os media – ou do quão cruciais são os estudos feministas da comunicação. **Ex Aequo**, Lisboa, n.25, 2012. p. 91-104.

TAVARES, M. M. **Feminismos em Portugal (1947-2007)**. Tese. Curso de Estudos Sobre As Mulheres, Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

VEIGA DA SILVA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

ZIRBEL, I. **Estudos feministas e estudos de gênero no Brasil**: um debate. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis: UFSC, 2007.

